

O passado que não deixa o presente



Coleção reúne artigos de historiadores para públicos mais amplos entenderem o Brasil contemporâneo

Carlos Haag

Para o historiador Evaldo Cabral de Mello, a história, como a casa-grande do senhor, tem muitas portas e janelas. Estas últimas devem estar escancaradas para arejar a “casa” com novas interpretações. Já as portas estão sempre abertas para revelações e para deixar entrar, sem cerimônias, os que se interessarem pelo que a “casa” tem para contar. Foi com esse espírito que a também historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz, da Universidade de São Paulo (USP), ao lado de um grupo interdisciplinar de pesquisadores renomados, idealizou a coleção *História do Brasil nação: 1808-2010*, editada pela Objetiva em seis volumes, e que será completada até meados deste ano, sendo, em seguida, traduzida para o espanhol e distribuída pela América Latina. Entre os muitos autores estão nomes como Alberto da Costa e Silva, José Murilo de Carvalho, Alfredo Bosi, Rubens Ricupero, Elias Saliba e Leslie Bethell.

1 *Desfile da FEB em São Paulo.*
Foto de José Linhares (1945) mostra pracinhas na avenida São João,

2 *Ponte de Silvestre, no morro do Corcovado.*
Foto de Marc Ferrez (1900)



Kamayurá.
Foto de Milton Guran
(1978) mostra duas
meninas da tribo no
Parque do Xingu

Um dos volumes da coleção é inteiramente dedicado à fotografia e repassa em 459 imagens os últimos 170 anos da história nacional. “Um olhar sobre o Brasil: a fotografia na imagem da nação” é coordenado pelo historiador e fotógrafo Boris Kossoy, professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP). Kossoy também é o curador da exposição homônima que esteve em cartaz em São Paulo e Rio e irá, ainda este ano, para Brasília e Belo Horizonte. As fotos que ilustram estas páginas fazem parte do livro e da mostra que, além de Kossoy, contou com os trabalhos de Sônia Balady, Vladimir Sacchetta e Lília, curadora adjunta. “O nome diz tudo: quero quebrar a ideia de uma história do Brasil contada por imagens. Será ‘um olhar’ sobre esse passado, assim como seria possível vários outros”, diz Kossoy. O mesmo vale para a coleção como um todo.

“A ideia é uma história da nação brasileira que reúna qualidade e as visões mais recentes da historiografia, mas destinada a um público amplo. O desafio lançado à equipe era escrever de forma acessível, sem usar notas de rodapé e outros recursos acadêmicos, ajustando a linguagem para o grande público, ainda que com profundidade”, explica Lília. “Não queríamos apenas compilar matéria e conhecimento prévios, mas introduzir novas interpretações, de forma atraente, com um apuro gráfico e muitas ilustrações, sempre usa-

das com o propósito de complementar o texto escrito”, diz.

A coleção faz parte de um projeto patrocinado pela Fundação Mapfre, da Espanha, que, além da série brasileira, também contempla trabalhos semelhantes em 10 países do continente latino-americano, entre os quais Argentina, Chile, Peru e Venezuela, bem como Portugal e Espanha. O resultado serão 50 livros que se autorreferem. “Em vez de fazer história na perspectiva da Europa e dos Estados Unidos, optamos por comparações com nossos vizinhos. Essa perspectiva comparada permite ao leitor fazer não apenas uma leitura horizontal, mas entre países, percebendo o que acontecia neles ao mesmo tempo que nosso país”, fala.

A final, o Brasil foi, por décadas, uma monarquia cercada por repúblicas, uma opção com consequências importantes para o presente. “Disso decorre o nosso gigantismo no continente e o comportamento das nossas elites, cujo poder se enraizou profundamente em função dessa solução mais conservadora. O mesmo vale para o escravismo: o Brasil foi a última nação a abrir mão dessa prática horrenda. Além disso, não houve rupturas sociais, nem movimentos de cidadania. A nossa independência, ao contrário da luta dos países vizinhos, era vista como um ‘presente’ mais do que uma conquista”, conta Lília.

Isso gerou muita desconfiança entre os países do continente, que foram se isolando, com desconfianças de parte a parte que empacam processos de uma união até hoje. “Ao mesmo tempo, temos muitas coisas em comum, como desequilíbrios sociais, uma corrupção quase endêmica. A comparação das histórias revela igualdades e diferenças do processo de construção das nações com muita clareza”, afirma a pesquisadora.

Tendo o mote do historiador francês Lucien Febvre, “a história é filha do seu tempo”, Lilia e seus colegas acreditam que é preciso reconstruir o passado com as novas perguntas feitas pelo presente. “A história é um processo vivo e, ainda que sua agenda não seja pautada pela atualidade, sem dúvida há fortes ligações entre o que queremos saber do passado diante das questões que nos coloca o nosso presente. Num momento em que se discute uma perspectiva ética é preciso entender as raízes desse problema”, observa.

“O fato é que no Brasil não existiu muita luta popular, não tivemos processos revolucionários e ficamos carentes de um processo maior de formação de cidadania. Nosso passado coronelista e escravocrata não surgiu gratuitamente, assim como não é sem motivo a predominância das elites nas tomadas de decisão. Tudo isso se reflete no atual abismo social”, acredita. A coleção enfatiza novas teorias que revisam a República Velha, agora chamada de Primeira República. “Foi uma fase que contou com mobilizações ativas de luta pela cidadania, embalada pelo abolicionismo, pela

chegada dos imigrantes, pela urbanização e pela industrialização. Era um período vibrante desmerecido como pasmaceira conservadora pelo Estado Novo varguista, que queria todos os méritos”, afirma Lilia.

A frase de Le Goff, de que “a história viveu sob o imperialismo da escrita”, deu origem ao volume de imagens, “Um olhar sobre o Brasil: a fotografia na imagem da nação”. “Em realidade, o ideal é a união da imagem à palavra escrita. Não podemos ter uma história, mas histórias, pois não há uma verdade única numa imagem, mas várias interpretações possíveis, dependendo do observador. A fotografia não vem carregada de sentidos: nós é que a carregamos de sentidos”, fala Boris Kossoy. “Daí a importância de situar o espectador por meio da reunião da imagem ao texto, forma de romper a superfície de aparências que as pessoas, em geral, não rompem”, avisa.

Partindo de 1833, com as experiências precursoras de Hercule Florence, há imagens do Segundo Reinado, do Estado Novo, da construção de Brasília, de líderes como Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, Leonel Brizola, Fernando Henrique Cardoso e Lula, entre outros, com ponto final em 2003, segundo Kossoy um limite para que se possa digerir a história.

“A fotografia é uma fonte preciosa de informações, mas é um conhecimento de aparência, uma criação/construção de realidades, sempre no plural. É um conhecimento que parte da superfície iconográfica e tanto mais revela quanto mais buscamos a sua realidade interior”, explica.

“No Brasil não existiu muita luta popular e ficamos carentes de um processo de formação de cidadania”, diz Lilia



1



2

1 *Vendedor de doces.*
Foto de Marc Ferrez (1889), traz negros ainda retratados como escravos

2 *Gaúchos acantonados em São Paulo durante a Revolução de 1930.* Autor desconhecido

Segundo Kossoy, não há “documentos inocentes” e mesmo o suposto real da fotografia é, também, “ficção”. O Brasil é o país que reuniu o maior número de profissionais do ofício fotográfico na América Latina ao longo dos séculos XIX e XX. “A manipulação do sentido da imagem já se inicia no momento em que o contratado para fazer a fotografia seleciona e monta a ‘cena’ para dar dramaticidade à sua imagem”, diz.

Assim, observa o pesquisador, contar a história por imagens não se sustenta e exige a união com o texto, capaz de revelar a micro-história que se esconde em cada instante do passado, na contramão da ideia de que uma imagem vale por mil palavras. “Ela só vale se tivermos mil palavras para interpretar o que essa imagem contém”, avisa Kossoy. Assim, as imagens selecionadas proporcionam um leque de situações pontuadas por imagens “nucleares” no sentido figurativo. “São fotos simbólicas, muitas vezes metafóricas, reveladoras de mentalidades e ideologias. Essa iconografia especial funciona como denúncia de sistemas, chamando a atenção para as deformações sociais, econômicas e políticas, bem como para os grandes feitos, enfatizando rupturas e emoções”, fala.

Um dos pontos altos são as fotos de escravos. Basta lembrar que o Brasil foi o país com a es-

cravidão mais longeva e o país em que primeiro a fotografia se consolidou, gerando um vasto arquivo de imagens dos escravizados. “Tiravam-se fotos de negros para que os estrangeiros levassem para o exterior como lembranças. Há também muita imagem feita para ‘comprovar’ a seleção racial e mostrar os africanos como inferiores”, diz Kossoy. Para ele, a fotografia, no Brasil, sempre funcionou como forma de identificação e controle social e policial, ressaltando as diferenças de classes.

“Foi como cópia do real que a fotografia foi incorporada às pesquisas de história. Ela vinha para adornar, corroborar ou simplesmente justificar uma teoria. Assim, até pouco tempo, na historiografia, as imagens serviam apenas para reafirmar o que se sabia previamente. Eram adereços, de função ilustrativa”, fala. Segundo Lilia, a imagem mais refletia do que poderia ser tomada ela própria como sujeito e mote de reflexão. O mesmo se pensava dos fotógrafos, vistos como meros ‘registradores’ de fatos, imparciais. “Levou tempo para a foto entrar no debate historiográfico”, fala Lilia. Para ela, os que manejam as lentes não apenas copiam o que veem, mas selecionam, recortam e suas fotos “inventam” formas de anotar o real e se impregnam de tal modo à realidade que se transformam, elas mesmas, na própria realida-

Deslizamento de trilhos na estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Foto de Dana Merrill (1910)





1 *Odé*. Foto de Mário Cravo Neto (1988), faz alegoria sobre *Odé*, umas das manifestações de Oxóssi

2 *Nuvem da manhã*. Autorretrato de Haruo Ohara (1952) mostrando o fotógrafo e agricultor em seu trabalho

“O aparente do documento deve ser apenas o ponto de partida de uma investigação sobre a raiz da imagem”, fala Boris Kossoy

de. “Trata-se de contar uma história do Brasil a partir das fotos, mas sabendo, de antemão, que elas camuflam e disfarçam sua certidão de nascimento”, diz.

“Basta lembrar as fotos de Sebastião Salgado numa fazenda invadida ou as imagens de Vargas ou Juscelino construindo Brasília. Muitas vezes lembramos de um fato a partir da foto que ficou na nossa memória, como uma tatuagem ou cicatriz que passa a fazer parte do corpo”, lembra a pesquisadora. “Quando as imagens são nossas

fontes documentais é preciso sempre lembrar o amplo poder de persuasão e sedução inerente às representações icônicas”, observa Kossoy. Para o historiador, o aparente do documento deve ser apenas o ponto de partida de toda investigação. “É na ampla diversidade das micro-histórias e suas imagens que reside o nosso olhar sobre o Brasil”, fala.

“O mesmo vale para a nossa história. Na década de 1930 o Brasil se redescobriu com os grandes ensaios de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. A partir dos anos 1970, surge nas universidades um pensamento mais especializado e os autores não querem buscar grandes voos para pensar o país. Afinal, o Brasil é um enigma. Se há uma característica nova na historiografia dessa coleção

é pensar a nação por várias portas e janelas”, analisa Lilia. “Queremos provocar, questionar certos mitos nacionais, modelos e teorias que ainda estão aí por reiteração, ideologia e costume.” A preocupação dos pesquisadores foi mostrar um país que, ao longo de um processo lento, se inventa e se imagina como nação. Como diz um personagem de Tennessee Williams, em *À margem da vida*: “O passado insiste em se apresentar no presente”. A nossa experiência histórica insiste em se apresentar até hoje. ■

